

Mais resistência ao Clube de Paris

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS - Os países endividados da América Latina estão cada vez mais dispostos a rejeitar a imposição dos bancos comerciais e do Clube de Paris que só admitem qualquer acordo, seja para o reescalonamento das dívidas ou para obtenção de dinheiro novo, após um entendimento prévio com o FMI. Essa não é apenas a posição do Brasil em relação às suas negociações com o Clube de Paris e com credores europeus que continuam insistindo nessa cláusula, mas também do México que se encontra atualmente numa fase crucial da negociação de sua dívida. Pelo menos foi nesse sentido que se pronunciou José Angel Gurria, diretor-geral de crédito do Ministério de Finanças do México, conhecido no país como "mister dívida", em entrevista exclusiva ao jornal francês *Libération*. Como se sabe, a ameaça de o México

sustar ou reduzir o pagamento dos juros de sua dívida tem contrituído para a instabilidade atual do dólar. Isso porque os bancos norte-americanos são os principais credores do México, responsáveis por mais de 80% da dívida desse país.

Ainda ontem, a moeda norte-americana voltou a cair nos mercados europeus, passando de 7,10 francos em Paris para apenas 7,03 francos. Mesmo se o ministro de Finanças mexicano, Jesus Silva Herzog, chegar a um acordo nas suas atuais negociações em Washington, esse país passa a acompanhar outros do continente, resistindo às medidas decretadas de fora e relativas ao ajustamento de suas economias.

É o caso do acordo prévio e obrigatório com o FMI. José Angel Gurria considera que essa exigência passou a vigorar somente apenas a partir de 82, início da crise da dívida. Desse ano em diante, para obter di-

nheiro, todo país deve apoiar-se num acordo com o FMI para formular seu pedido à comunidade bancária. Mas isso não passa de uma verdade legendaria, pois a Colômbia não reestruturou sua dívida e obteve dinheiro novo sem acordo formal com o Fundo. José Angel Gurria citou também a Venezuela, que não assinou acordo com o FMI.

Angel Gurria explicou a posição de seu país, dizendo que não existe uma única entidade econômica, um país ou uma empresa, que tendo perdido mais de um terço de suas receitas possa continuar a cumprir suas obrigações em relação ao Exterior sem o apoio de créditos. Além disso, lembrou a existência de um pacto verbal com os bancos que data de algum tempo e que consiste: "Vocês nos emprestam e nós pagaremos". Segundo ele, esse acordo moral foi rompido, pois o México continuou a pagar e os bancos não emprestaram mais.